

**ANTÓNIO SÉRGIO E A HISTÓRIA
QUE GOSTARIA DE VER ESCRITA**
ANTÓNIO SÉRGIO AND THE HISTORY AND
HIS IDEA ABOUT THE WRITING OF HISTORY

JOÃO PRÍNCIPE
Universidade de Évora, Instituto de História Contemporânea
jpps25041974@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0235-9079>

Texto recebido em / Text submitted on: 04/07/2020
Texto aprovado em / Text approved on: 17/02/2021

Resumo:

Os ensaios de António Sérgio propõem uma história escrita por um cidadão-filósofo, crítica das perspetivas nacionalistas e da história erudita que sacraliza os factos e deprecia as hipóteses teóricas. Opositor do regime, o seu projeto de uma História de Portugal em nove tomos foi abortado pela apreensão do tomo 1 em 1941. O historiador Alfredo Pimenta, com o apoio de Salazar, atacou essa publicação e Sérgio respondeu a Pimenta com aprofundadas reflexões sobre a epistemologia da História, mostrando como o papel das interpretações é fundamental, geminando a história com os outros saberes, sob um ideal científico totalizante e transdisciplinar. Expõem-se os contornos da polémica e analisam-se essas reflexões, integrando-as no todo da obra do autor e mostrando a inspiração recolhida nas obras de John Dewey (função da história), de Henri Berr (síntese científica) e de alguns historiadores e filósofos do virar do século.

Palavras-chave:

António Sérgio; epistemologia da história; Alfredo Pimenta; John Dewey; Henri Berr.

Abstract:

António Sérgio's essays propose a History written by a citizen-philosopher, criticizing nationalist perspectives and the erudite history that sacralizes the facts and belittles the theoretical hypotheses. Being an opponent of the political regime, Sérgio's project for a History of Portugal was aborted by the apprehension of volume 1 in 1941. Historian Alfredo Pimenta, with the support of Salazar, attacked this book and Sérgio responded with reflections on the epistemology of History, showing how interpretation is fundamental and how that connects history with other areas of knowledge, under a scientific and totalizing transdisciplinary ideal. In this article, we expose the contours of the controversy and analyze those reflections, by integrating them into the whole of the author's work and by studying the inspirations collected in the works of John Dewey (function of history), Henri Berr (scientific synthesis) and of some historians and philosophers at the turn of the century.

Keywords:

António Sérgio; epistemology of History; Alfredo Pimenta; John Dewey; Henri Berr.

Introdução

Desde a década de 1910, tempo em que integrou o movimento cívico-cultural da Renascença Portuguesa, António Sérgio (1883-1969) foi-se afirmando como polímata e intelectual civicamente empenhado. Escrevendo amiúde sobre a História de Portugal inspirou-se em autores como Alexandre Herculano, Oliveira Martins, Antero de Quental, Gama Barros, Renan, Taine, Fustel de Coulanges, Eduard Meyer, Guglielmo Ferrero, Léon Poincard, Gabriel Tarde, etc.. Enquanto membro do grupo da Biblioteca Nacional e ministro seareiro (1923) parecia destinado a desempenhar um importante papel institucional no desenvolvimento das ciências sociais num Portugal republicano. Tal não sucedeu: em 1926, Sérgio partiu para o exílio, donde voltou em 1933, para iniciar um firme percurso demopédico de *clerc* (Benda), marcado pela aposta no Cooperativismo e pela análise histórico-sociológica.

Enquanto opositor ao Estado Novo e proponente de um socialismo democrático, Sérgio foi alvo da censura. Em 1941 foi apreendido o volume inicial do seu grande projeto de História de Portugal, a que se seguiu uma polémica com o historiador Alfredo Pimenta (1941). O tom

filosófico da resposta de Sérgio a Pimenta, motiva um estudo detalhado das suas reflexões sobre epistemologia da história, singulares na época, cuidando das suas principais inspirações⁽¹⁾.

Sérgio foi adepto do ideal de uma história universal mas reconheceu a influência limitadora do posicionamento cultural-político do historiador, tópicos em que é devedor de historiografia do século XIX. Tendo, nos anos de 1910, estudado pedagogia em Genebra, meditou em sintonia com John Dewey, afirmando o valor da história como veículo para o progresso social. O seu exílio parisiense (1926-1933) inseriu-o num meio racionalista onde um vivo associativismo tinha forte expressão académica. O seu amigo Paul Langevin (1872-1946) era figura central de várias dessas associações, entre as quais o Centre International de Synthèse fundado por Henri Berr em 1925, grupo que reunia uma elite de homens de ciência em torno de uma visão transdisciplinar, na qual a síntese dos conhecimentos humanos, que afirmava um ideal de cientificidade alargado e unitário, atribuía à história e à psicologia um papel central. De facto, Sérgio, desde a sua estadia em Paris, elaborou um conjunto de reflexões epistemológicas sobre a significação, método e limites do exercício da história, que se assemelham às da proposta de racionalismo aberto de Henri Berr⁽²⁾.

Alfredo Pimenta e a História de Portugal de Sérgio

Em 1941 surge o tomo 1 da História de Portugal, primeiro de nove anunciados. A polícia política retira o volume do mercado e Sérgio desiste do projeto. Alfredo Pimenta (1882-1950) escreve um opúsculo de censura, em cuja capa se lê 'Académico titular fundador da Academia Portuguesa de História'. O próprio António Salazar escreve a Pimenta dizendo: «A História de A. Sérgio precisava ainda para honra da inteligência portuguesa de ser mais demoradamente dissecada do que V. Exa. pôde fazer no seu folheto»; deste, 500 exemplares foram comprados pela União

(1) Sérgio desejou uma carreira académica como a do seu amigo Joaquim de Carvalho, mas dada a situação da universidade e a sua posição cívica tal foi-lhe vedado (Garrido 2008: 133-135; Torgal 1999).

(2) A observar por obras recentes sobre a história das epistemologias da história, Berr e Dewey não integram hoje um cânone de autores deste período e área (Noël 2014: 347-385; Little 2020).

Nacional (Magalhães 2009: 7, 8). Sérgio responder-lhe-á com o opúsculo ‘Em torno da designação de monarquia agrária dada à primeira época da nossa história’, texto de profunda reflexão epistemológica.

Pimenta expressa o seu anti-democratismo exclamando três vezes «Eu, se fosse Poder, mandava-o calar» (Pimenta 1941: 34, 40, 44). E na sua sinceridade insofisticada, incapaz de entender a epistemologia sergiana, Pimenta desconfia da teoria – exemplificando: «o Darwin, naturalista competente, caiu na insensatez do Darwinismo»; e conclui: «Julgo o Sr. António Sérgio, desoladamente, um caso típico de ensimesmamento catastrófico; vítima da obsessão de pensar (...) parte do princípio de que o Saber é inferior ao Pensar, e de que se pode pensar sem se saber (...) Saber é alinhar materiais; pensar só é fantasiar, erguer um mundo de irrealidades»; por isso recomenda: «O Sr. Sérgio precisa de se curar (...) estudar mais, e pensar menos»; até porque Sérgio estará estalinizado, sendo um «materialista marxista» (Pimenta 1941: 14, 8, 16, 40, 43). Para Pimenta o ensino e a ciência partem de dogmas, não de hipóteses; recusando uma visão crítica da noção de facto, pergunta escandalizado: «Então não se recusa ele (p. 22) a admitir a existência de ‘factos puros ... sem interpretação, sem teoria’»; tal crítica «ensandecerá o jovem que o ler» (Pimenta 1941: 13, 14).

No entanto, Pimenta era um leitor de Sérgio. Aludindo ao texto ‘Espectros’ (de 1916, republicado em Ensaios I), insiste na postura anti-histórica de Sérgio: «Que quer afinal o Sr. António Sérgio (...) pensar para trás, ou fugir às sugestões do espectrismo, e recusar-se a resolver a situação presente com as instituições económico-sociais pretéritas, e não ser histórico?» (Pimenta 1941: 15). Pimenta defende um Portugal não-industrializado – «porque o inimigo é a fábrica, e esta conquistou o campo» (Pimenta 1941: 15) – e ridiculariza a ‘era da abundância’, tema do tomo 9 do malogrado projeto e de que Sérgio fala desde os anos de 1930, reconhecendo que tal ia de par com a crítica do corporativismo, defesa do cooperativismo e de um socialismo libertário (Pimenta 1941: 26-27). De facto, o autor dos Ensaios inspirava-se, para afirmar a possibilidade concreta de uma tal era futura, na crítica de Thorstein Veblen ao Price-System e na dos tecnocratas norte-americanos no pós Grande Depressão, críticas associadas a teorias de economia política que afirmam o primado do consumidor e denunciam a incompatibilidade entre as possibilidades atuais da técnica e a velha ideia de que o valor e o lucro assentam na raridade ou escassez dos

bens, patente na sabotagem feita pelos capitalistas financeiros ao eficaz desenvolvimento dessas possibilidades e na invenção de estratégias artificiais para produzir a escassez, pela invenção de ‘intangíveis assets’ e de estratégias monopolistas. O pacifista Sérgio respondia assim à loucura da Guerra, mostrando que ‘Nations can live at home’, título de um livro do agrobiologista O. W. Willcox, cujas ideias propagou, nomeadamente em artigos no jornal O Diabo, sendo de destacar o artigo sobre o progresso social e o regime do lucro (Sérgio 1939: 1, 8; Matos 1983: 1040-1041).

Se ‘Espectros’ é sobretudo um ensaio de crítica sociológica, umas páginas à frente, nesse tomo 1 dos Ensaio, encontra-se ‘A Conquista de Ceuta (ensaio de interpretação não romântica do texto de Azurara)’, no qual se valoriza, tal como para a crise de 1383-85 – «o aspecto burguês do fenómeno» (Sérgio, Ensaio I 1974: 273)⁽³⁾. Pimenta crê que o valor científico de uma teoria explicativa deve emanar dos factos, e esses «factos puros (...) podem ser depoimentos contemporâneos, informações positivas e garantidas de quem entrou, dirigiu ou promoveu o acontecimento, reacções objectivas que ele determinou», e por isso «uma coisa é a conquista de Ceuta, facto puro, e outra coisa é a explicação que o sr. António Sérgio dá a esse facto, teoria ou interpretação», explicação que ele julga fantasiosa (Pimenta 1941: 14); que seja uma hipótese sociológica, a de que a conquista traduz a vontade de uma elite, de um grupo influente organizado em torno de interesses económicos cosmopolitas (comércio de longa distância), designada funcionalmente (alta burguesia marítima); que seja uma hipótese conveniente (no sentido do convencionalismo de Poincaré), com carácter de idealização, eis o inconcebível no horizonte de Pimenta. Esta atitude ‘positiva’ capta algo de típico da prática da história e do seu

(3) «O ex-mestre de Avis é o monarca de uma revolução: a revolução da *burguesia comercial de carácter cosmopolita*. Era a burguesia que neste momento impulsionava a nacionalidade, com o seu rei à frente para realizar a sua política: desviar uma nação de agricultores para o grande comércio ultramarino, garantindo-lhe o essencial da subsistência pela importação de cereais» (Sérgio, Ensaio I 1974: 266-267). Em 1941, Sérgio revê esta posição, valoriza as circunstâncias geográficas e de clima, o princípio da continuidade, o papel da comercialização do nosso sal, contestando a designação de Monarquia Agrária para o período anterior às navegações. Pimenta julga errática a mudança de Sérgio e reafirma o carácter rural dessa monarquia, crendo na elevada produção de cereais de então (Pimenta 1941: 31-32). Sérgio responde que as hipóteses implícitas feitas pelo historiador-erudito para justificar essa produtividade contrariam a ciência agronómica (Sérgio 1941b: 13-18).

ensino de então – o Estado Novo favoreceu durante muito tempo, até limitando o acesso à docência universitária, a separação entre a prática da história e a epistemologia, restringindo-se o método ao cuidado na análise das fontes⁽⁴⁾.

Um dos aspetos decisivos que Pimenta ignora é o ideal sergiano de uma história universal, e a sua ancoragem filosófica. Ei-lo expresso por Eduard Meyer (1855-1930), autor caro a Sérgio: «Um estado nunca vive isolado (...) fazendo parte de uma área de civilização. Os diversos sistemas de Estados e as diferentes áreas de civilização, estão por sua vez em contacto mútuo, em relação de troca e de acção recíproca (...) Toda a história especial, embora possa ser exposta por si própria, não constitui, no fundo, mais do que uma parte de um todo global», (Meyer 1912: 215, 270). O nosso ensaísta escreve: «parece-me desejável (...) situar toda a acção portuguesa na unidade do movimento da civilização humana (...) o genuíno universal é a ligação com o todo: não é a ideia geral, não é a noção abstracta (...) parece-me a civilização uma estrutura una (e inclino-me a supor que com uma origem una) em que cada uma das comunidades é influída e influi» (Sérgio 1941a/1974: 13). Para ele o conhecimento adequado é aquele em que concreto/particular se estabelece por adensação de relações que visam o Todo-Uno, por isso a história e a ciência se irmanam⁽⁵⁾.

Outro aspeto tematizado por Sérgio, e que Pimenta ignora, é o do condicionamento dos historiadores. Num manuscrito sobre historiadores alemães (Sérgio 1899?), o jovem Sérgio nota os paralelos traçados pelos

(4) O conservadorismo do regime limitou muito o fazer e pensar a história: predomínio da história política de perfil erudito, como notou Godinho em 1948 (Godinho 1971: 250-255), de tipo narrativo e apegada ao documento, ignorando o desenvolvimento das ciências políticas, económicas e sociais, com isolamento entre as subdisciplinas da história e sem carácter transdisciplinar, como notou Frédéric Mauro (Carvalho 1972: 70-71); ver também Torgal 1996: 257-265; Matos 2008: 145-158; Sousa 2012: 29-32. Godinho, um discípulo de Sérgio (e depois Barradas de Carvalho, aluno de Godinho) vieram a aderir, tendo que emigrar, ao movimento dos Annales, que é diretamente inspirado por Berr (Cardoso 2011; Burguière 2009: 79).

(5) (Hoffman 1990: 264-276; Príncipe 2004: 102, 120; Príncipe 2012: 136-143). Meyer surge em (Sérgio 1923-1924: 311-312). O projeto de uma história universal é expresso por Voltaire no *Essai d'une Histoire Universelle*, por Kant no *Ideia para uma História Universal com um Propósito Cosmopolita*, na *História da Civilização em Inglaterra* (1857) de Thomas Buckle, que Sérgio cita em 1914 (Sérgio 2008: 36). Já no século XX, H. G. Wells, dedicatário do *'Divagações pedagógicas'* (Ensaio II), é dos poucos a tentar uma história universal, no seu *Outline of History* (1920) (Carneiro 2002: 30-35).

historiadores entre o passado e o presente, por exemplo a identificação do progresso com o desenvolvimento do Estado. Como dirá Leonard Krieger: «No caso da Escola Prussiana, cujas estrelas eram Droysen, Sybel e Treitschke, a centralidade do Estado Prussiano nas suas considerações políticas e históricas garantia automaticamente a mistura desejada de política e de história (...) A Prússia era para os historiadores desta escola (...) nas palavras de Droysen 'uma verdadeiro eixo e matriz da história'» (Krieger 1989: 88). Desde cedo, Sérgio percebeu que a escrita da história permanece dependente de propósitos, hipóteses e valores, até porque ela tem destinatários.

Em, 1941, Sérgio julga útil a escrita de uma história acessível ao homem do povo, obra de vulgarização que permita «uma iniciação de natureza histórica aos problemas fundamentais da nossa gente», colocando o leitor em contacto com «o que deles pensaram no decorrer dos tempos os melhores espíritos de Portugal». Identificando essa elite intelectual progressista, Sérgio organizou várias antologias e edições (sobre economistas, prosa doutrinal de autores portugueses, textos de Oliveira Martins, Fernão Lopes, Antero, etc.). Para Sérgio, há que distinguir sempre meios e fins: as monografias da história erudita são valiosas para o fim da síntese, aí se indo escolher «os casos do viver pretérito que receberão relevo como significativos, na esperança de assim se poder propor uma vista panorâmica onde se vislumbre um sentido que se possa entender, e que tenha um préstimo». O seu critério de escolha resulta de se «encarar o viver de outrora à luz do sociólogo e do moralista crítico, do político progressivo e do reformador social». Este ponto de vista, que Sérgio define como «interpretativo», pretende ultrapassar o «eruditismo puro» e opõe-se ao «delírio nacionalista (...) ao patriotismo retórico, onde se oculta muitas vezes o mero apego ao cofre» (Sérgio 1941a/1974: 1, 4, 5).

Nas suas interpretações, Sérgio, desde 1914, utilizou estruturas ideológicas (exemplo: particularismo versus comunitarismo), valorizando aspetos económicos e de mentalidade e interesses de grupos sociais/ classes; em particular, interessou-se muito pelo grupo de La Science Sociale e por Gabriel Tarde, cf. (Príncipe 2012: 37-46, 53-60). Num artigo da Seara Nova onde defende a sua (Breve Interpretação da) História de Portugal, publicada em 1929, Sérgio resume as suas principais teses interpretativas e distingue os factos da arquitetura inteligível que os seleciona e relaciona:

O que há meu, naquele livrinho, não são os factos, os dados, os materiais, o narrativo (...): são sim as Ideias, e a arquitectura, são as análises e as sínteses da obra, é o pensamento. Por exemplo: a teoria da formação do nosso país como sendo um episódio da transição da economia agrícola e local para a economia comercial na sociedade europeia; a doutrina sobre o carácter da revolução de 1383-5 e do condicionamento das navegações; o fenómeno da luta da política de Fixação com a política do Transporte, a crítica do regime social-económico e das suas consequências de variada espécie, e a ordenação da história de Portugal — de toda a história de Portugal — em relação a esse fenómeno social-económico; a caracterização do humanismo científico português da época dos descobrimentos, como constituindo o elemento básico na evolução da nossa cultura; o papel dos ‘estrangeirados’ na tentativa de reforma do século XVIII (Sérgio 1932: 183).

O interesse melhorista e o método são fundamentais:

‘O historiador’, disse Voltaire, ‘deve escrever como filósofo e como cidadão’. É o que eu quis fazer ali, sem ser aliás historiador: escrever sobre a história de Portugal como cidadão e como filósofo. Esse intuito pressupõe: 1.º – A relação dos factos; 2.º – A determinação de uma perspectiva própria, de uma distribuição de planos, de uma hierarquia dos factos e das personagens históricas; 3.º – A apresentação – implícita ou explícita – das premissas de uma política futura (Sérgio 1932: 183).

A preocupação demopédica está em harmonia com o seu ideário, muito inspirado em John Dewey, intelectual muito estimado pelo movimento da Escola Nova. Dele é uma das epígrafes das Considerações Histórico-Pedagógicas de 1915: «O valor do ensino da história reside no facto de que esta ciência pode ser um instrumento de análise das condições sociais presentes» (Dewey 1913: 114).

Dewey e Sérgio: a história como instrumento da democracia

O filósofo norte-americano John Dewey (1859-1952) foi um dos mais reputados pensadores ligado aos movimentos da ‘progressive education’ e da Escola Nova e um intelectual civicamente interveniente. O seu pragmatismo ou experiencialismo, com a sua sensibilidade melhorista

e transicionalista, leva a sério a historicidade, cuidando das condições e sinais do progresso humano no sentido do afastamento da barbárie e do desenvolvimento moral; este, entendido holisticamente, ganha com o alargamento da atitude científica ao todo da população (base da técnica que fornece meios úteis), à sua vivência na esfera pública.

Dewey escreveu muito sobre a significação da história. Nos *Ethical Principles Underlying Education* (1897), que Sérgio conhecia (a versão francesa de 1913 é prefaciada por Claparède) e donde saiu a epígrafe citada, afirma-se que o valor da história resulta dela nos fornecer «uma visão daquilo que constitui a estrutura e funcionamento da sociedade»; na formação da criança o princípio geral de que deve haver continuidade entre informação, disciplina e cultura é ilustrado com o ensinar história, tendo esta, junto com a geografia, «tudo a ver com a mesma realidade última, a saber, a experiência consciente do homem»⁽⁶⁾.

Uma noção básica para Dewey é a de interação. Ora, a geografia «tem a ver com todos os aspetos da vida social que se preocupam com a interação da vida do homem e da natureza»; por seu lado, a história exhibe «os principais instrumentos no caminho das descobertas, invenções, novos modos de vida, etc., que iniciaram as grandes épocas do avanço social», isto é, «os métodos de progresso social». Estes saberes favorecem a «formação de hábitos de imaginação e de conceção social», permitindo constituir-se «o hábito de interpretar os incidentes especiais que ocorrem e as situações particulares que se apresentam em termos de toda a vida social». Desenvolve-se assim o processo de entender situações sociais complexas, identificar problemas e buscar soluções. Daí o seu valor ético: «a história ensinada corretamente é o principal instrumento para realizar isso, tem um valor ético final»⁽⁷⁾.

(6) (apud Pratt 2016: 1, 2, 3; que cita Dewey EW5: 68); as traduções do inglês são nossas. Abreviaturas: EW – Early Works; MW – Middle Works. Sobre a relevância do pensamento de Dewey para a historiografia norte-americana ver (Bartee 2009). Sérgio partilha com Dewey a centralidade da noção de desenvolvimento da experiência, por crescente intelectualização da prática; entre muitas passagens (Sérgio 1941b: 7): «à medida que a experiência se enriquece e alarga, forçando-nos por vezes a voltar à origem e obrigando-nos à busca de uma inteligibilidade mais ampla». Pimenta opõe-se à atitude prospetiva na prática da história, afirmando: «A Experiência é o Passado. A Experiência é o Histórico» (Pimenta 1941: 44).

(7) (apud Pratt 2016: 3; que cita Dewey EW5: 71, 72, 73). Ver também o “*The Evolutionary Method as Applied to Morality*” (1902), (Dewey MW 2: 9). Sobre funções sociais da história favorecidas por Sérgio ver (Cunha 2004: 55-73).

Em *The School and Society* (1899), lê-se que a história deve ser ensinada de modo a «que a criança aprecie os valores da vida social, para ver na sua imaginação as forças que favorecem e permitem que os homens cooperem efectivamente entre si, para entender os tipos de carácter, os que ajudam e os que obstruem (...) A história deve ser apresentada não como um acúmulo de resultados ou efeitos, uma mera afirmação do que aconteceu, mas como uma coisa forte e atuante» (Dewey MW1: 104); a ação humana voluntária é valorizada contra qualquer concepção fatalista ou estritamente determinista.

No pensamento democrático de Dewey a questão da esfera pública é central – os académicos tinham um sucesso muito relativo no fazer chegar ideias à opinião pública norte-americana, importando repensar-se a atividade do historiador especializado, no sentido de ultrapassar a concepção (rankeana) de predomínio dos documentos oficiais escritos, o preconceito nacionalista e o do enaltecimento de personalidades importantes (reis, ministros, generais, etc.); a história deve chegar às escolas e aos trabalhadores; para isso os historiadores devem adotar uma atitude experimentalista (científica) para, coletivamente e num esforço crítico, irem eliminando as abstrações. Em 1915, no seu *German Philosophy and Politics*, escreveu, «o testemunho da história é o de que pensar em termos gerais e abstratos é perigoso», pois assim «elevam-se ideias para além das situações nas quais elas nasceram e dá-se-lhes uma carga que ameaça o nosso futuro» (apud Pratt 2016: 4)⁽⁸⁾. Esta crítica da subsunção sobre fórmulas gerais, e a sua substituição por uma filosofia da relação (inscrevendo o concreto na sua relação com o todo próximo, num movimento imanente e de adensamento do tecido orgânico de relações) é um leitmotiv na obra de Sérgio; não sendo Dewey a única ressonância desta atitude, que, em metafísica, remonta a Platão e a Espinosa.

A questão, que mereceu a crítica de um Lovejoy (1939), de um ‘preconceito futurista’ (ou presentista) no ideário de Dewey, porque este se recusa a isolar simplesmente o passado do presente e do futuro, remete para a metafísica do tempo. Desde o seu artigo fundador sobre o conceito de arco reflexo (1896), Dewey mostrou que a separação entre estímulo e reação era artificial: o que há é um ato global e coordenado

(8) Sobre o realce voluntarista dado à ‘human agency’ e sobre a crítica à história ‘tradicional’ por Dewey ver (Bartee 2009: 19, 24-26, 37-37).

com propósito, mesmo nos processos de percepção elementares. Em 1909, num diálogo que apresenta o 'catecismo pragmatista', surge a tese de que as afirmações sobre a história estão intimamente ligadas ao futuro; por exemplo, se se considerar a descoberta da América por Colombo, estamos face a uma questão que se coloca e a sua resolução aponta para um acontecimento subsequente, onde se investiga, se produz um juízo, e daí uma possível conclusão sobre a sua veracidade. Dewey insinuava assim o carácter fundamentalmente aberto do trabalho histórico, ao não aceitar uma distinção clara entre um acontecimento do passado e o juízo que sobre ele é produzido: «O passado em si e o presente em si são ambos seleções arbitrárias que mutilam o objeto completo do julgamento» (Dewey MW: 13, 46). Como conclui Scott Pratt:

A história, como assunto, não é a aquisição de factos sobre o passado, mas o desenvolvimento da capacidade de interpretar um passado seleccionado para 'avançar', para buscar um futuro que ofereça uma experiência mais rica do que o que ocorreria por acaso ou concentrando-se em um passado desconectado (Pratt 2016: 4).

A problemática de 'Espectros' é análoga daquela para que Dewey chama a atenção no seu livro de 1916, *Democracy and Education*:

A segregação que mata a vitalidade da história resulta do divórcio relativamente aos modos e preocupações da vida actual. O passado enquanto apenas passado já não nos diz respeito. Se ele tivesse ido integralmente embora, só haveria uma atitude razoável em relação a ele. (...) O verdadeiro ponto de partida da história é sempre uma situação presente com os seus problemas (Dewey 1916: 250).

Sérgio dirá em 1918: «O verdadeiro ponto de partida é a consciência de uma situação actual. Se o passado explica o presente, é o presente que, por sua vez, explica também, interpreta e dá significação ao que passou» (Sérgio 2008: 235).

Dewey pensa a história por homologia com as ciências. A história faz uma tentativa de reconstrução hipotética da ordem temporal partindo de um problema actual. Como notará em *Logic: The Theory of Enquiry* (1938), essa reconstrução da história é incessante, pois parte da própria variação da cultura com as gerações sucessivas. Como escreveu nesta obra:

A formação de julgamentos históricos fica atrás da dos julgamentos físicos, não apenas devido à maior complexidade e escassez de dados, mas também porque, em grande parte, os historiadores não desenvolveram o hábito de declarar para si e para o público as estruturas conceituais sistemáticas que eles empregam na organização de seus dados de maneira semelhante à medida em que os investigadores físicos expõem sua estrutura conceitual (apud Bartee 2009: 23).

Este apelo à consciência teórica esteve também presente no movimento historiográfico liderado por Henri Berr, havendo, como se vai ver, boas razões para pensar que Sérgio nele se inspirou.

Hipóteses e síntese histórica: a epistemologia não positivista e Henri Berr

Sérgio intitulou a primeira secção da resposta a Pimenta ‘sobre a natureza e papel da hipótese nas ciências físicas e sociais’, aí opondo o historiador-filósofo ao erudito: «Descompõe-me o Erudito por eu fazer hipóteses; mas todos as admitimos, com consciência ou sem ela; mas o caminhar do cientista sempre se faz por hipóteses, por interpolação e indução... meditam os filósofos sobre o proceder da ciência; entre os cientistas, não tem sido numerosos os que a valer o fazem; e dos eruditos, por outro lado, parece confirmar-se que quase nenhum o empreende» (Sérgio 1941b: 11). Em seu favor, cita Guglielmo Ferrero (1871-1942), grande historiador de Roma e intelectual socialista: «Donc comme c’est la théorie qui donne leur valeur aux faits, elle est souvent très utile» (Sérgio 1941b: 12)⁽⁹⁾. Sérgio recordava-se decerto de outras passagens:

A história para se tornar uma ciência deve começar pela crítica dos documentos (...) mas tal como cada progresso acaba por se tornar um obstáculo para um progresso ulterior, a crítica histórica entrava hoje a formação da ciência nova que dela deve nascer, ou seja a interpretação psicológica e sociológica da história (...) tendo esquecido o seu fim último, o de fornecer um material bom para a construção de grandes sínteses, a crítica perdeu-se numa marcha sem direcção (Ferrero 1895: VI).

(9) Sérgio não menciona o nome da obra (Ferrero 1895) donde extrai a citação. Sobre Ferrero e Sérgio ver (Príncipe 2012: 46-53).

Como coda, lê-se: «À un certain point de vue, les faits ne sont rien et les théories sont tout» (Ferrero 1895: VIII).

Ferrero e Sérgio reconheciam o excesso de ‘positividade’ da dita escola metódica francesa, de que o *Introduction aux Études Historiques* (1898) de Langlois e Seignobos era exemplo. Sérgio, com ironia, cita este «manual corriqueiro de todo o aspirante a erudito» para mostrar como a crítica de um documento exige «um acervo de construções mentais, de interpretações, de hipóteses, com recíproca sustentação entre ideia e ideia». Na sua argumentação, visando mostrar que «cumpre não considerar (...) como apreensão imediata de uma realidade inconcussa, como início absoluto de uma ciência estável, – o que ao exame se revela (...) como teoria ou hipótese», recorre à teoria da Gestalt para mostrar o carácter construído da percepção, afirmando que «o que o Mundo nos dá são apenas sinais, que a percepção interpreta por meio de ideias» (Sérgio 1941b: 19, 23)⁽¹⁰⁾.

Nessa veia epistemológica, insiste na necessidade de ‘convenções’ para a construção dos factos: a própria determinação de algo aparentemente tão simples como uma data pressupõe «puras construções mentais (...) uma série convencional cronológica» (Sérgio 1941b: 26). Mais à frente, cita *Réflexions sur la Physique Expérimentale* de 1894, o texto de Duhem habitualmente referido como afirmando uma posição holista, para mostrar como a experimentação pressupõe sempre a teoria para interpretar o fenómeno (Sérgio 1941b: 29).

Em 1941, Pimenta diz ter conhecido Sérgio, cerca de 1910, por intermédio do pianista e compositor Viana da Mota: «o Sr. António Sérgio era, então, literariamente, apenas, o autor modesto dumas Notas sobre Antero de Quental, que confessava candidamente, não terem senso comum» (Pimenta 1941: 7). De facto, nessas Notas de 1909, o jovem aprendiz de filósofo, muito preocupado com as generalizações para o pensar social oriundas das ciências naturais (caso do *struggle for life* de suposta origem darwiniana), demonstra conhecer a crítica das ciências (que lera em Harald Höffding), feita por Maxwell, Helmholtz (que propôs um retorno a Kant, com flexibilização do quadro categorial e abertura às aquisições da psicologia experimental), Mach, Claude Bernard, Duhem e Poincaré. Tal crítica contrariava aquela visão positivista que fazia assentar a noção de verdade nos factos científicos

(10) Sobre Sérgio e a teoria da Gestalt ver (Príncipe 2004: 66, 107-111).

experimentalmente comprovados e na existência de leis estritas que descrevem os processos naturais; e valorizava o papel das analogias científicas, das hipóteses, das diferenças de estilo individuais e o pluralismo favorável a que, sobre um mesmo domínio de fenómenos, se formulem várias teorias. Tal crítica é afim do ‘como se’ kantiano (‘Apêndice à dialética transcendental’ da Primeira Crítica de Kant) e com o espírito de trial and error (de raiz evolucionista), ensaístico e de problemática à Dewey⁽¹¹⁾. Neste quadro, Sérgio escreve:

Convém estar-se preparado a encarar com sensatez as hipóteses (...) Os que concebem o caminho da ciência simplesmente como a sistemática substituição do erro pela verdade, têm dela uma noção simplista (...) o facto de uma hipótese não concordar com as doutrinas dominantes não lhe ataca verdadeiramente a legitimidade; porém é razoável preferir as que concordam, quando as outras não tenham força para vencer essas doutrinas. Visto que nos falta um critério para as decretar *verdadeiras*, contentemo-nos com o critério da sua *oportunidade* (Sérgio 1909/2001: 84).

O julgar as teorias em função da sua oportunidade/fecundidade, do seu interesse humano e não por uma pura correspondência entre elas e o seu objeto fenoménico, é uma tese subscrita por filósofos vários do fim do século XIX, rotulados, por si ou por seus críticos, de pragmatistas. Esta crítica que é elemento central do ideário sergiano, do seu experiencialismo, não é contrário à concepção unitária da Razão que Sérgio advoga em Ensaio I, uma vez que a ‘Razão’ é um ideal ativo de unificação, que se atualiza na interação, envolvendo ensaio e risco.

No ensaio ‘Ciência e Educação’, Sérgio nota como o «positivismo unilateral» de Littré dominou na geração de Ramalho Ortigão, promovendo o «culto da ciência mal compreendida» que levava à falsa convicção de que a ciência tudo resolvia, de que a moral podia ser científica, etc. (Sérgio, Ensaio I 1974: 100, 104). Aí Sérgio identifica-se com o que chamou movimento metafísico-constructivista de que fazem parte os filósofos espiritualistas franceses Ravaisson e Lachelier. R. G. Collingwood, em *The Idea of History* realça o ataque ao positivismo feito por estes autores para os quais «a ideia de história era uma

(11) Sobre o pluralismo de Maxwell e Poincaré, e a sua presença em William James, ver (Príncipe 2015: 423-424).

das concepções fundamentais»; Ravaisson insistiu em como a lei da causalidade (mecânica, por causas eficientes) das ciências da natureza não dá conta da ideia do todo nem da «própria existência da liberdade ou da espontaneidade» as quais estão na origem do ato teleológico do conhecimento do nosso espírito o qual se prolonga no conhecimento da natureza; Lachelier ao afirmar a ideia «de que o conhecimento propriamente dito é uma função da liberdade» e o primado do princípio das causas finais, veio, com Ravaisson, fornecer uma base sólida para uma teoria da história, ao mostrar que as ciências naturais, resultado da atividade do espírito, não eram a «única forma possível de conhecimento» (Collingwood 1946: 183, 184, 187); aspetos que foram salientados entre nós pelo filósofo Antero, de que Sérgio foi um dos primeiros leitores empáticos (Catroga 1998: 50-56).

Uma analogia estrita com as ciências naturais levou à conceção positivista da existência de grandes leis dos processos históricos, de carácter determinista, ao que se opôs um Eduard Meyer (1910) ao relevar o papel do «acaso ou acidente, do livre arbítrio e das ideias ou das pretensões ou concepções dos homens», aspetos que favorecem o cunho individual do acontecer histórico (Collingwood 1946: 177). Sérgio releva o papel do fortuito na interpretação histórica; por exemplo a ‘Segunda Época’ da sua História de Portugal abre com: «El caso fortuito del matrimonio de Juan I con la hija de Enrique de Lancaster (...) contribuyó a modificar la Corte y las clases directoras de Portugal» (Sérgio 1929: 43). A questão das leis da história acompanhou sempre Sérgio, sendo as suas Notas de Esclarecimento (1950), em que responde a António José Saraiva (então arauto do materialismo dialético), o seu texto mais detalhado sobre o tema; inspirando-se na epistemologia da Mecânica quântica, concluiu pela incapacidade de previsão das coisas históricas: «para o historiador idealista (como para o físico de hoje) o postulado básico da investigação científica não é o postulado da previsibilidade de tudo, da previsibilidade perfeita pelo saber humano, mas só o postulado da universal inteligibilidade» (Sérgio, Ensaios II 1974: 250; Príncipe 2004: 177-183). Sérgio manteve sempre a convicção da unidade da razão e portanto dos saberes, sem cair no reducionismo.

No tocante à história, Sérgio cedo percebeu haver mais profundidade filosófica nas discussões alemãs do que nas reflexões da dita escola metódica francesa, exemplificadas no manual de Langlois e Seignobos. Charles-Olivier Carbonnel julga que nem estes nem Fustel de Coulanges

ou Gabriel Monod, que nunca se nomearam positivistas, tinham grande interesse pela reflexão filosófica, a sua atitude 'positiva' resultando do esforço de demarcação em relação à tradição historiográfica católica e monárquica. A epistemologia dos savants-philosophes só virá a ecoar no pensamento de Henri Berr, que teorizou a síntese histórica⁽¹²⁾. Para Laurent Mucchielli, a obra de Langlois e Seignobos é uma reação dos historiadores académicos à emergência das ciências sociais, rejeitando-se quer a 'filosofia da história', quer os métodos das ciências já constituídas. A desconfiança em relação à teorização domina o Livro III desse manual (nas secções: 'Opérations synthétiques', 'Conditions générales de la construction historique', 'Groupement des faits', 'Raisonnement constructif' e 'Construction des formules générales'). Esta posição de ultra-precaução vai gerar um debate entre Seignobos e Simiand em 1903 e um confronto alargado em 1906 e 1908 cujo palco é a Société Française de Philosophie. O próprio Gabriel Monod afastar-se-á, em 1908, desta posição que acabava por valorizar a história narrativa e pitoresca, saudando o aparecimento da *Revue de Synthèse Historique* de Henri Berr⁽¹³⁾.

Henri Berr (1863-1954) foi aluno de Émile Boutroux, que tematizou o carácter contingente das leis naturais (Catroga 1998: 19, 30). Enquanto professor de filosofia no liceu parisiense Henri IV (que preparava para as Grandes Écoles), Berr foi colega do filósofo Alain, destacado anti-fascista. Em 1900, Berr fundou a *Revue de Synthèse historique* e em 1925 o Centre Internationale de Synthèse, com um ideal de trabalho coletivo e interdisciplinar, muito inspirado pela ideia kantiana de paz universal com que propunha federar os sábios num tempo de Guerras; dotado de grande capacidade organizativa foi a alma das Semaines Internationales de Synthèse (1929-1947), que reuniam, no Hotel de Nevers (Paris), um conjunto de sábios. Aí se discutiam tópicos centrais comuns às ciências naturais, exatas e naturais (Burguière 2009: 79-86; Nira 1996: 205-218).

(12) Para Carbonnel a história positivista tem teóricos mas não praticantes, Comte apontando para a sociologia (Carbonnel 1978: 175, 176, 177, 180-183); Carbonnel dá-nos uma síntese da história da historiografia francesa em 4 atos, em cujo ato IV (duas gerações antes da dos Annales) «Henri Berr reclama a necessária síntese; os sociólogos reclamam o estudo dos grupos, das classes e não mais dos indivíduos», (Carbonnel 1978: 184). Seignobos é referido por Sérgio em 1914 (Sérgio 1987: 129).

(13) Durkheim pedia aos historiadores que fossem mais científicos, cf. (Mucchielli 1995: 132-135).

Sérgio conhecia este movimento, dele fazendo parte o físico Langevin (seu amigo) e Louis Weber, o autor da obra *Le Rythme du Progrès* (1913) que Sérgio leu (Sérgio 1916: 13). A primeira das semanas (20 a 25 de Maio de 1929) foi dedicada ao tópico Evolução, progresso e civilização; Berr, como Antero e Sérgio, admitia a teleologia no mundo natural, na linha de Lamarck (Neri 1996: 209, 217; Catroga 1998: 49-75)⁽¹⁴⁾.

No seu livro *La Synthèse en Histoire*, de 1911, Berr propôs uma epistemologia da história afim de um racionalismo experimental, propondo um neo-cientismo diverso do dos positivistas⁽¹⁵⁾. Berr demarca-se do eruditismo histórico que se vale do facto dos «materiais históricos terem a particularidade de oferecer por si-próprios algum interesse»; é imperativo que «ao mesmo tempo que a síntese erudita recolhe os materiais, reúne os factos, a síntese científica se encarregue de os unificar, de os reduzir a princípios explicativos»; a construção de teoria é diversa da de um sistema a priori e dogmático (como num Hegel); mas a atitude dogmática encontra-se também entre os que valorizam o detalhe, o estabelecimento da «imensidão de pequenos factos» e que recusam «sistematicamente a ligação entre os factos»; o projeto de síntese científica diverge do da filosofia da história que se caracteriza pelo apriorismo, exemplificado na proposta de Fichte de que na filosofia da história «se siga o curso a priori do plano do mundo, plano que em si é claro, sem que seja necessário o recurso à história»; o projeto de Berr afirma o primado da inteligibilidade, da teoria, da atitude experimental (que comporta a análise, o inquérito crítico das fontes a partir da qual se extraem os factos); numa fórmula feliz, afirma que o domínio científico exige «se tenir dans cet entre-deux», entre a análise erudita e a especulação a priori, invocando assim o pensamento de Pascal tão caro a Sérgio: «On ne montre pas sa grandeur pour être à une extrémité, mais bien en touchant les deux à la fois et remplissant tout l'entre-deux»⁽¹⁶⁾.

(14) Do que resta da biblioteca de Sérgio, à Lapa em Lisboa, encontra-se o volume relativo ao encontro de 1939 sobre o conceito de matéria (Neri 1996: 215).

(15) Sobre Berr ver também (Gattinara e al. 1996: 598, 595, 596, 598, 599), onde se dão os resumos do colóquio de 1994 sobre Berr. Hermínio Martins foi quem me chamou a atenção para relação entre Henri Berr e Sérgio, cerca de 2013.

(16) (Berr 1911: 16, 19, 20, 22, 23). Cf. o n.º 353 da edição Brunschvicg dos *Penseés* (1897). O 'plano do mundo' remete para Kant (Collingwood 1946: 97-98), e para uma teleologia da liberdade, para um ideal regulador que inspirou Sérgio.

Berr fala em leis da história, que são leis de desenvolvimento, diversas das das ciências naturais (Berr 1911: 26-34), e que devem ser concebidas como «designando factos humanos de carácter geral, em relação estreita com factos singulares» (Berr 1911: 27), alertando para as induções excessivas, como a lei dos três estádios de Comte.

Berr cita Claude Bernard, Mach, Poincaré e Abel Rey, para mostrar que as hipóteses e o erro traduzem o carácter ativo do espírito. Aquelas têm carácter provisório, sendo submetidas ao controle experimental nas ciências naturais, e ao contraste obtido pelo método crítico de análise dos testemunhos e dos documentos na história, sendo a sua verificação de elevada complexidade (Poincaré e Sérgio dirão que os grandes princípios, que têm função reguladora no sentido kantiano, são mesmo inverificáveis devido ao holismo que tudo impregna de teoria). A filosofia da história, apesar do seu apriorismo, é fonte de boas hipóteses, se se souber aproveitar o melhor de cada sistema:

Para a constituição da ciência, há mais a tirar das filosofias da história que do puro historicismo (...) A ciência não nega nada. Ela começa por nada afirmar. Ela admite a título provisório, ela submete, a título de hipóteses, ao controle da experiência, da comparação, da discussão, aquilo que os sistemas parecem conter de sólido. A ciência concilia, ou melhor organiza efetivamente (Berr 1911: 40).

Tal atitude implica o uso de hipóteses, de conjeturas, o arrojo teórico, o erro e a suspensão do juízo, a dúvida, o rever e pôr à prova em busca de unidade⁽¹⁷⁾.

Conclusão

Desde a sua frequentação precoce de pensadores cosmopolitas, Sérgio foi meditando sobre o propósito e modos da história. Pôs em causa a possibilidade de uma história pura, sem relação com os interesses do presente, até porque entre nós o nacionalismo cultural foi instrumentalizando a história, criando uma constelação de mitemas e um

(17) (Berr 1911: 26, 27, 37-40). Berr julga anti-intelectualista o pragmatismo anglo-saxónico, contrariamente ao pedagogo Sérgio (Berr 1911: 246-248).

percurso histórico nacional que Sérgio irá criticar radicalmente (Matos 2004: 201-204, 215); o embate com Alfredo Pimenta é disso um momento.

Nos seus ensaios historiográficos, onde aspetos ‘materiais’ e de mentalidade interagem, surgiram hipóteses que abriram fecundas vias de pesquisa – é o caso das suas leituras das navegações e expansão portuguesas. Na linha do experiencialismo de um Dewey, a interpretação histórica devia recorrer aos ‘factos’ apurados pela história erudita, selecionados por critérios induzidos pelas hipóteses e valores, numa dinâmica transdisciplinar ela própria geradora de novos factos e teorias. Esta atitude estava associada a um ideal totalizante, de síntese. E este ideal brota de uma filosofia da consciência que reconhece na noção iluminista de progresso um valor teleológico e ético. Por isso, Sérgio, como Berr, desfavorece as visões deterministas de causalidade linear, enaltece o valor social do exercício da história, e não incorpora no modelo antropológico subjacente a constante fulguração do Inconsciente e de ritmos opostos (incluindo os tanatológicos) (Neri 1996: 214, 216).

Em 1941, Sérgio propõe: «Para um dado povo, constituem atos de importância histórica os que deram origem a consequências graves ou os atos que levaram esse povo a pôr vulto no mundo, isto é os atos de significado internacional e geral (...) Os que pesam para um Estado possuir história são os frutos de valia para os demais Estados, – aqueles que diríamos ‘de relação’ (...) os que lhes outorgam um papel na civilização geral» (Sérgio 1941b: 8, 9). No *Geschichte des Altertums*, Meyer afirma, pragmaticamente, que a historicidade de um ‘facto’ se averigua pelas suas consequências (Meyer 1912: 204). Julgar essa eficácia exige subtileza, critérios e valores. Sérgio crê que eles são vários, hierarquizáveis, abrindo-se sobre o futuro e vincando a categoria do possível, onde o novo se liga a uma teleologia consciente (Catroga 2002: 220). Sérgio ao referir o episódio do Velho do Restelo recorda a existência de dois planos (ordens de Pascal): «el plano u orden de las capacidades humanas de energía, valor saber, facultad de realización, virtudes estas que permiten acometer grandes empresas, (...) y, por encima de ese plano, el de los más altos fines de la consciencia» (Sérgio 1929: 93-94). Como disse em 1916, pode-se julgar da função humanizadora de um acontecer passado (Sérgio, *Ensaio I* 1974: 172); e a essa luz, 30 anos depois, Sérgio adverte da «desumanização de historiógrafos que se deixam corromper pela própria história, perdendo a noção dos ideais transistóricos que se mantêm superiores, ao revolver da história» (Sérgio, *Ensaio VIII* 1974:

143). Aí engraniza o projeto demopédico de Sérgio, assente na consciência moral, que liga a prática e ensino da história às problemáticas atuais que são também fonte de coerência do escrever história. Esta 'rareté' do pensar de Sérgio, de enaltecer os juízos morais como componente da obra dos historiadores, tem merecido hoje mais atenção, sobretudo da parte dos historiadores do presente, caso de François Bédarida (Vann 2004: 13).

O exílio forçado, a dispersão do grupo da Biblioteca Nacional e a censura de que foi alvo impediram o pleno florescimento da obra historiográfica de Sérgio, mas o primeiro terá também permitido a Sérgio adotar pontos de vista, ancorados nas inspirações que analisamos, que ajudaram à reflexão de vários dos nossos historiadores mais jovens, nomeadamente os que se aproximaram da *École des Annales*, a qual muito deve a Berr (Burguière 2009: 80).

O seu racionalismo aberto fê-lo enaltecer a síntese científica e denunciar o puro eruditismo fragmentador, tantas vezes ligado à falta de criticismo em relação às hipóteses implícitas e a preconceitos ideológicos situacionistas. É significativo que a obra de Berr de 1911 termine com a menção do ideal de uma história universal:

Esta síntese total, – a História Universal, a *Weltgeschichte*, – a qual para a satisfação do espírito e para a inteligibilidade do destino humano seria infinitamente cara, a qual, exigindo uma unidade do pensamento, ultrapassa as forças individuais, será realizável, e como? Sê-lo-á no presente estado da erudição? São estas questões que por agora se impõe colocar (Berr 1911: 16, 261).

Questões que apontavam para lá da fronteira do nosso vetusto país tão enalticido por Pimenta.

Bibliografia

- Bartee, Seth J. (2009). *John Dewey, Historiography, and the Practice of History*. Master thesis. East Tennessee State University. <https://dc.etsu.edu/etd/1859/>. Consultada em 30-06-2020.
- Berr, Henri (1911). *La Synthèse en Histoire*. Paris: Félix Alcan.
- Burguière, André (2009). *The Annales School: An intellectual history*. New York: Cornell University Press.

- Carbonell, Charles-Olivier (1978). "L'histoire dite «positiviste» en France", *Romantisme*, 21-22, 173- 185.
- Cardoso, José Luís (2011). "Vitorino Magalhães Godinho and the Annales School: history as a way of thinking", *e-journal of Portuguese History*, 9 (2).
- Carneiro, Robert L. (2002). *The Muse of History and the Science of Culture*. New York: Kluwer Academic Publisher.
- Carvalho, Joaquim Barradas de (1971). *Da história crónica à história-ciência*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Catroga, Fernando (1998). *Antero de Quental. História Socialismo Política*. Lisboa: Editorial Notícias.
- « - » (2002). "Caminhos do fim da história", *Revista de História das Ideias*, 23, 131-234.
- Collingwood, R. G. (1946). *The Idea of History*. Oxford: Clarendon Press.
- Cunha, Norberto F. da (2004). "História e método em António Sérgio", in *António Sérgio: Pensamento e acção*. Lisboa: INCM, 1, 55-85.
- Dewey, John (1913). *L'école et l'enfant*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé.
- « - » (1916). *Democracy and Education An Introduction to the Philosophy of Education*. New York: The MacMillan Company.
- « - » (1969-1990). *The collected works of John Dewey: Early works, middle works, and later works*. Carbondale: Southern Illinois University Press.
- Ferrero, Guglielmo (1895). *Les lois psychologiques du symbolisme*. Paris: Félix Alcan.
- Garrido, Álvaro (2008). "A Universidade e o Estado Novo: de 'corporação orgânica' do regime a território de dissidência social", *Revista crítica de Ciências sociais*, 81, 133-153.
- Gattinara e al., E. Castelli (1996). "Résumés des communications des actes du Colloque international Henri Berr et la Culture du XXe siècle 24-25-26 octobre 1994", *Revue de synthèse*, 4 (3-4), 595-614.
- Godinho, Vitorino Magalhães (1971). *Ensaio III Sobre teoria da história e historiografia*. Lisboa: Sá da Costa.
- Guilland, Antoine (1899). *L'Allemagne Moderne et ses historiens*. Paris: Félix Alcan.
- Hoffman, Christhard (1990). "Eduard Meyer", in Ward W. Briggs e William M. Calder III (eds.), *Classical Scholarship A biographical Encyclopedia*. New York: Garland Publishing, Inc., 264-276.
- Krieger, Leonard (1989). *Time's reasons*. Chicago: The Chicago University Press.

- Little, Daniel (2020). "Philosophy of History", in Edward N. Zalta (ed.), *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2020 Edition). <https://plato.stanford.edu/archives/win2020/entries/history/>. Consultado em 5-2-2021.
- Meyer, Eduard (1912). *Histoire de l'Antiquité Tome premier*. Paris: Librairie Paul Geuthner.
- Magalhães, J. A. Romero (2009). "Oração de sapiência proferida na abertura solene do ano lectivo no dia 16 de Setembro de 2009", *Notas Económicas*, 1/16, 3-12.
- Matos, Alfredo Campos (1983). "Bibliografia de António Sérgio", *Revista de História das Ideias*, 5, 1025-1107.
- Matos, Sérgio Campos (2004). "António Sérgio na cultura histórica portuguesa", in *António Sérgio: Pensamento e acção*. Lisboa: INCM, 2, 199-225.
- « - » (2008). *Consciência histórica e nacionalismo (Portugal - séculos XIX e XX)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Mucchielli, Laurent (1995). "Une lecture de Langlois et Seignobos", *Espaces Temps*, 59-61, 130-136.
- Pimenta, Alfredo (1941). *A história de Portugal do Sr. António Sérgio*. Lisboa: edição do autor.
- Neri, Marina (1996). "Vers une histoire psychologique: Henri Berr et les semaines internationales de synthèse (1929-1947)", *Revue de synthèse*, 117, 205-218.
- Noël, Patrick-Michel (2014). *Épistémologie, histoire et historiens: considérations conceptuelles, méthodologiques et empiriques autour du discours que les historiens tiennent de leur savoir*. Québec: Université Laval.
- Pratt, Scott L. (2016). "Dewey on History and Geography in Education", in M.A. Peters (ed.), *Encyclopedia of Educational Philosophy and Theory*, DOI 10.1007/978-981-287-532-7_43-1, 1-5. https://researchgate.net/publication/314903435_Dewey_on_History_and_Geography_in_Education. Consultado em 2020-06-30.
- Príncipe, João (2004). *Razão e Ciência em António Sérgio*. Lisboa: INCM.
- « - » (2012). *4 Novos estudos sobre António Sérgio, posfácio de Hermínio Martins*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- « - » (2015). "L'harmonie de l'inattendu: Henri Poincaré entre physique et philosophie", in João Príncipe (ed.), *Évora Studies in the Philosophy and History of Science In Memoriam Hermínio Martins*. Vale de Cambra: Caleidoscópio, 391-512.

- Sérgio, António (1899?). 'Historiografia alemã', manuscrito a caneta, sobre a obra (Guilland 1899), disponível em cdantoniosergio.cases.pt. Consultado em 01-06-2020.
- « - » (1916). *Educação geral e actividade particular*. Lisboa: Separata dos Anais da Academia de Estudos Livres, Imprensa Comercial.
- « - » (1923-24). *Dispersos de Oliveira Martins, prefácio e anotações de António Sérgio*. Lisboa: Publicações da Biblioteca Nacional. 2 volumes.
- « - » (1929). *Historia de Portugal*. Barcelona: Labor.
- « - » (1932). "Mais uma facada - e, por consequência, mais um feliz pretexto para me explicar", *Seara Nova*, 300, 182-184.
- « - » (1939). "A ciência, o progresso social e o regime do lucro", *O Diabo*, 246, 1 e 8.
- « - » (1941a/1974). *Introdução geográfico-sociológica à História de Portugal*, (publicada inicialmente como tomo I da *História de Portugal*, pela livraria Portugália). Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- « - » (1941b). *Em torno da designação de monarquia agrária dada à primeira época da nossa história*. Lisboa: Livraria Portugália.
- « - » (1971-1974). *Ensaios*. 8 tomos. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- « - » (1987). *Correspondência para Raul Proença*. Lisboa: Dom Quixote / Biblioteca Nacional.
- « - » (2001). *Notas sobre Antero, Cartas de Problemática e outros textos filosóficos*. Lisboa: INCM.
- « - » (2008). *Ensaios sobre educação*. Lisboa: INCM.
- Sousa, José Manuel Guedes de (2012). *Vitorino Magalhães Godinho: história e cidadania nos anos 40*, tese de mestrado em história (história moderna e contemporânea). Lisboa: Departamento de História da Faculdade Letras da Universidade de Lisboa.
- Torgal, Luís Reis (1996). "A história em tempo de 'ditadura'", in Luís Reis Torgal, José Maria Amado Mendes e Fernando Catroga (eds.), *História da história em Portugal. Secs. XIX-XX*. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 240-275.
- « - » (1999). *A Universidade e o Estado Novo*. Coimbra: Minerva.
- Vann, Richard T. (2004). "Historians and moral evaluations", *History and Theory*, 43, 3-30.

